

CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA E AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA PREDIÇÃO PREDIZENDO A PREDIÇÃO

Artur Domingues¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo elucidar e lançar luz sobre a questão do capitalismo de vigilância, definido pela autora Shoshana Zuboff. Em vistas disso, analisar como essa nova ordem econômica reivindica a experiência humana como fonte de matéria prima para conduzir seus negócios; bem como esboçar como as grandes empresas de tecnologia têm lucrado e expandido suas fontes de receita através da extração dos dados, gerados através das interações entre aparatos e usuários. Ademais, visa refletir acerca das possibilidades desses avanços para então buscar novos caminhos que circundem essa nova ordem econômica vigente, que tem na vigilância constante seu pilar, para uma direção que não reduza a humanidade a meros usuários cujas experiências são limitadas e modificadas a fim de atender demandas mercadológicas de comportamento futuro, possíveis graças aos imperativos de predição.

Palavras-chave: Capitalismo de Vigilância; Comportamento Futuro; Extração de Dados; Predição; Perfis de Usuário.

SURVEILLANCE CAPITALISM AND THE SOCIAL IMPLICATIONS PREDICTING THE PREDICTION

Abstract: This article aims to elucidate and shed light on the issue of surveillance capitalism, defined by Shoshana Zuboff. So, it must analyze how this new economic order claims the human experience as a source of base material to conduct its business; as well as outline how large technology companies have profited and expanded their revenue sources by extracting data, generated through interactions between devices and users. Therefore, it aims to reflect on the possibilities of these advances and then seek new paths that surround this current new economic order, which has in constant surveillance its pillar, for a direction that does not reduce humanity to mere users whose experiences are limited and modified to attend market demands of future behavior, because of prediction imperatives.

Keywords: Surveillance Capitalism; Future Behavior; Data Extraction; Prediction; User Profiles.

Introdução

O presente artigo é construído de forma a ser tanto uma análise dos aspectos que compõem um novo modo de produção de capital, quanto um ensaio sobre as implicações sociais do *capitalismo de vigilância*, registrando tentativas de antever de que forma esse fenômeno continuará a moldar a sociedade, sendo o aspecto econômico o de maior peso e maior influência.

Posto isso, a autora Shoshana Zuboff, em sua obra intitulada *A era do capitalismo de vigilância* (2020), faz um mergulho profundo nessa nova ordem econômica, denunciando os aspectos dessa nova produção de capital gerida pelas *big techs*, seu fortalecimento, seus objetivos e em como estas pretendem continuar a orquestrar o sistema econômico de forma a manter-se no poder, prevendo e moldando o futuro.

¹ Graduando em Filosofia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO.

VARIA

Embora a construção do texto acaba por criar uma atmosfera apocalíptica, de fato, normalmente é assim que as novas tecnologias são anunciadas e inseridas na sociedade. Elas não existem para além do seu tempo, sendo o seu tempo o responsável por colocar tais práticas de acordo com seu ordenamento, assim como a televisão e o rádio², que serviram para propaganda, adequando-se aos mais diferentes momentos políticos e os revolucionaram. Assim como o fordismo foi para a indústria, esse novo modo de produção de capital não será diferente: será capaz de expandir o que existe e estabelecer novas práticas não antevistas, mas que com um olhar mais atento, será possível vislumbrar ao menos um esboço de possibilidades.

Mas, afinal, o que é capitalismo de vigilância? Zuboff o define no início de sua obra por meio de verbetes de um dicionário para que sejam consultados. Nos ateremos a quatro definições dentre as oito propostas por ela:

1. Uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas; 2. Uma lógica econômica parasítica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento; (...) 4. a estrutura que serve de base para a economia de vigilância; 5. Uma ameaça tão significativa para a natureza no século XXI quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX (.). (ZUBOFF, 2020, p.7)

Partindo do pressuposto de que há um comum acordo que vivemos em uma sociedade capitalista, o capitalismo de vigilância inaugura uma nova forma de produzir capital a partir da predição de comportamentos e da criação de mercados futuros da experiência humana.

Novo modo de produção

Dado o exposto acima, assim como Ford inaugurou a esteira de produção em massa³, possibilitando ao capital expandir suas receitas, as *big techs*, como são conhecidas as grandes empresas do ramo de tecnologia, por sua vez, conseguiram estabelecer um novo modo de produzir capital através da extração de valor da própria esfera de experiência humana. De tais empresas, surgidas a maioria no epicentro do capitalismo financeiro especulativo do Vale do Silício, as mais famosas e mais consolidadas são a *Google*, *Apple*, *Facebook*, *Amazon* e *Microsoft*, denominadas GAFAM⁴ e são responsáveis por basicamente toda a estrutura digital ao redor do planeta, gerindo a maior porcentagem do mercado de dados global.

² JURNO, 2021, p. 47.

³ ZUBOFF, 2020, p. 105.

⁴ Ibidem, p. 34.

Essas empresas controlam a maior parte dos dados digitais na internet, e mesmo não sendo as únicas, basicamente gerem todas as outras, uma vez que há uma carência de infraestrutura física – detalhe esse que não será visto nesse artigo, mas ressalvo que é de suma importância para a estrutura de vigilância, pois na ausência da capacidade de estabelecer uma infraestrutura devido ao alto custo de funcionamento, estabelecimento e manutenção, essas empresas que se consolidaram permitem que outras empresas utilizem parte dessa infraestrutura para hospedar seus sites, lojas etc. em seus servidores, e ao alugar a capacidade física no mundo real faz com que os dados provenientes dessas empresas passem pelas suas estruturas.

Dito isso, a grande questão consiste em como esse modo de produção de capital baseado na vigilância funciona e o que faz dele de fato algo inovador, temerário e, portanto, digno de ser considerado um marco do desenvolvimento capitalista.

Primeiramente, é preciso entender qual é o ativo principal do capitalismo de vigilância: os dados, gerados pela interação do usuário na internet ou através dos aparatos como *smartphones*, computadores, GPS, assistentes virtuais, aparelhos de casa interativa, entre outros⁵. Tal fluxo de interação gera uma massiva quantidade de dados, chamados de *big datas*, que, uma vez estruturada, abastece sistemas de aprendizagem de *machine learning*, capazes de extrair o máximo de informações e garantir inteligibilidade a esse fluxo informacional. Uma vez abastecidas, essas máquinas *aprendem*⁶ e, ao aprenderem, seu algoritmo permite a refinação cada vez melhor sobre aquilo que se tem interesse em minerar ou extrair. Segundo Zuboff:

Essas operações de inteligência de máquina convertem matéria prima nos altamente lucrativos produtos algorítmicos criados para prever o comportamento dos usuários. A inescrutabilidade e exclusividade dessas técnicas são o fosso que cerca o castelo e assegura a atividade no seu interior. (ZUBOFF, 2020, p. 83)

Esses dados não existem na natureza, não se encontram em outro lugar senão nas interações dos usuários com os dispositivos tecnológicos ou aparatos. Esses dados gerados acabam se tornando o ativo principal⁷ desse novo sistema econômico, que tem como objetivo a maior captação de dados para abastecer as *machine learning* e assim consecutivamente. Então os dados nada mais são dos que as informações geradas sobre os usuários, fornecidas pelos

⁵ Ibidem, p. 235.

⁶ O uso da palavra “aprender” pode gerar a ideia de que as máquinas possuem uma inteligência natural, uma capacidade inata, quando na verdade a sua capacidade de refino de dados trata-se da sua programação, do seu algoritmo, ou seja, de seguir uma série de comandos inseridos em seu código de programação por uma *pessoa*. Portanto, o uso da palavra “aprender” diz respeito ao processo de retroalimentação entre programador-máquina e máquina-usuário e não a uma faculdade *subjativa ou autônoma* dos aparelhos.

⁷ SILVEIRA, 2021, p. 37.

próprios usuários através de suas interações e dos fluxos relacionais entre a tecnologia e sua utilização na esfera da vida cotidiana, sendo coletados e transformados em ativos por esse novo sistema econômico.

Assim como os sistemas econômicos vêm se sobrepor de forma não a eliminar o anterior, mas a absorver e assimilar para tomar o lugar de prioridade, tal como foi a transição da agricultura para a indústria, e desta forma será da indústria para o sistema de informação: uma vez que a agricultura se industrializou, a indústria se informará com a implementação de sua eficácia dentro da lógica capitalista de redução de custos e aumento do lucro, minimizando a *incerteza*. Para Zuboff:

Em outras palavras, o Google não faria mais mineração de dados comportamentais estritamente para melhorar o serviço para seus usuários, e sim para ler as mentes destes a fim de combinar anúncios com seus interesses (...). Com o acesso exclusivo do Google aos dados comportamentais, seria possível então saber o que um indivíduo específico, num tempo e espaço específico, estava pensando, sentindo e fazendo. (ZUBOFF, 2020, p. 97)

Todo esse processo é resultado de uma lógica econômica que reconheceu nesses dados, potencial para se extrair o valor do fluxo informacional gerado pela interação dos usuários com os aparatos tecnológicos⁸. Os aparatos podem ser compreendidos como todo meio de tecnologia informacional disponível objetiva ou não de interação do usuário com os mais diversos dispositivos, seja um buscador, o telefone, computador, assistentes como a Alexa ou Siri, plataformas como Uber, Netflix, redes sociais e etc. Pois muitos são as formas de interação na vida cotidiana dos usuários, e a pioneira nesse processo foi a *Google*, ao perceber uma dinâmica de interação do usuário com os aparatos por meio do buscador e traçar perfis desses usuários e de suas interações. Ainda segundo a autora:

A atividade no mundo real é compilada, de forma contínua, a partir de celulares, carros (...) e devolvida ao reino digital, onde encontra uma nova vida como dados prontos para serem transformados em previsões, tudo isso preenchendo as páginas em expansão (...). (ZUBOFF, 2020, p. 235)

Então as empresas perceberam que os usuários, ao interagirem com os aparatos, produzem informações sobre si mesmos, transcrevem suas vontades, seus interesses, aquilo que desejam, e, caso as empresas conseguissem personalizar esses perfis a partir de modificação comportamental, condicionando ou fazendo sugestões, com construção de *perfis*, que passariam a ser únicos de cada usuário, poderiam utilizar tais informações armazenadas em grandes bancos de dados para produzir mais novas fontes de receita.

⁸ ZUBOFF, op. cit., p. 235.

O novo petróleo

Duas coisas importantes: a primeira foi que o domínio dessas informações foi chamado de *new oil*⁹ ou novo petróleo, que demonstra como a descoberta, expansão e utilização dessa informação de vigilância foi reconhecidamente impactante; e a segunda é a noção de “gratuidade” que há nessa relação entre usuário e aparatos na maior parte das vezes.

Há uma afirmação de senso comum, no sentido de que circula livre de reflexão, que possui sentido, mas não é verdadeira em todo seu aspecto: “Se você não paga pelo produto, logo, o produto é você”, que se deve ao fato de o usuário não pagar pelo produto, então ele seria o produto. Porém Zuboff demonstra que tal afirmação está equivocada¹⁰, visto que, na verdade, o processo de extração e mineração das nossas interações são vendidas aos verdadeiros clientes: os compradores de espaço nessas redes de interação pagam pela publicidade personalizada provenientes desse processo – publicidade resultante da fonte primária de recursos extraídos, analisados, minerados, refinados e vendidos às grandes empresas: os dados.

Ou seja, o usuário não é o produto! O produto são suas interações mineradas, refinadas e enriquecidas que têm como expectativa diminuir a incerteza da venda ao casar um anunciante com seu comprador. De acordo com Zuboff (2020, p. 108): “na nova operação, os usuários não eram mais fins em si mesmo, mas tornaram-se meios para fins de outros”.

Uma vez entendido que a experiência humana transformada em dados através da interação entre o usuário e os aparatos é matéria prima, fonte de receita, como um meio para o fim dos outros, percebe-se que na lógica do capitalismo de *maximização dos lucros e minimização das incertezas*, vender produtos específicos a usuários com perfis compatíveis com as vendas ajuda a minimizar não apenas a incerteza mercadológica, como permite aumentar a especulação das vendas em mercados futuros, fazendo com que o modelo de mercado de comportamentos futuros venha a ser cada vez mais experimentado como uma certeza de escoamento de produtos, com uma precisão nunca antes vista, tanto quanto a qualidade de material minerado.

Por conseguinte, grande parte desses dados não são obtidos de tão livre bom grado, mas sim extraídos graças a uma total ausência de transparência dessas empresas para obtenção desses dados. Um exemplo disso são os *Facebook Files*, mostrando como a empresa tinha noção de uma série de conjunturas para obtenção de dados e de como utilizou esses UPI (*User Profile*

⁹ SILVEIRA, op. cit., p. 34.

¹⁰ ZUBOFF, op. cit., pp. 114-22.

Information)¹¹ para modificar ou condicionar determinadas atitudes. Outro exemplo é de como a *Google*, através do *Street View*, acessou a internet nas casas das pessoas sem autorização e também obteve dados privados dos correios eletrônicos de usuários do *Gmail*¹².

E é através da modificação e do condicionamento que as receitas provenientes do capitalismo de vigilância vêm se tornando cada vez mais vantajosas às empresas, e, por sua vez, as empresas se “plataformizam” em conformidade a essa nova realidade capitalista.

Estamos em todos os lugares

Quando se trata desse fenômeno, estamos falando de um modelo econômico com alta taxa de lucratividade baseada em modificação comportamental e condicional para que os clientes dessas *big techs* fiquem satisfeitos, enquanto o usuário tem a sua experiência reduzida à fonte primária a ser extraída e à de consumidor final desse processo – uma *arquitetura da extração*¹³.

Deste modo, esse novo mercado e seu novo modelo de negócios baseados em mercados de comportamento futuros, são construídos através de imperativos de predição, isto é, a capacidade de conseguir prever exatamente em tempo real o que os usuários estão suscetíveis. Isso só é possível graças a uma conexão em tempo real das coisas com o usuário e a captação de dados sem o respeito à privacidade. Na verdade, existe a capacidade de no mundo digital coisas antagônicas existirem em paralelo sem que seja um paradoxo ou que crie um descompasso ou mesmo assimetria ao ser contraditório, no que tange às noções de público e privado¹⁴, que se misturam e coabitam no mesmo lugar nas redes de internet global.

Essa vigilância constante, que gera *big datas* e abastece *machine learning*, só é possível pela forma com a qual essas empresas operam, sem transparência e com uma ausência de leis regulamentares, quando não leis que acabam por permitir um avanço maior no processo que devora a privacidade e permite a receita de vigilância se embrenhar. Tal como acontece com a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), que permitiu aos bancos captarem e compartilharem informações pessoais entre si e, em contrapartida, não possibilitou ao cliente direito à privacidade de seus dados biométricos ou faciais como uma resposta à possibilidade de evitar fraudes. Dessa forma, o cliente do banco x tem seus dados existindo em diversos bancos, mesmo que ele nunca tenha entrado em contato. O mesmo ocorre com práticas ilegais do tipo que

¹¹ Ibidem, pp. 97-101.

¹² ZUBOFF. 2018 (2015), p. 34.

¹³ Cf. Idem, op. cit., p. 235.

¹⁴ SIBILIA, 2018, p. 207.

concedem descontos em troca da utilização de cadastros em farmácias, mercados, lojas de conveniência – tais setores menores já sabem da possibilidade da venda de dados e dos custos e lucros eventuais desse processo, uma vez que esses dados podem ser vendidos ou disponibilizados e reutilizados para enriquecer as UPI (*Unified Payments Interface*) das *big techs*.

Luz no fim do túnel?

Não apenas Zuboff, mas muitos autores convergem para o fato de que esse novo tipo de sociedade em construção é um risco enorme à democracia, pois não há um limite das práticas éticas e morais na esfera digital e corrobora para atender todas as demandas do mercado independente dos *custos sociais*.

Com isto, todo exercício de antever e propor possíveis soluções e procurar perceber por onde cada vez mais esse tipo de lógica irá se expandir é um jogo de tentativa e erro, mas que não pode deixar de ser feito, pois não se trata de ser um vidente, mas de deixar registrado as possibilidades com os dados atuais postos. Embora todas as possibilidades ensaísticas aqui passem pelas questões econômicas e políticas, esses dois aspectos talvez sejam atualmente os mais relevantes, tendo em vista que dizem respeito ao compartilhamento do mundo comum, ou de uma mesma realidade a ser compartilhada e vivida com outros indivíduos.

Esse mundo comum da democracia, que cada vez mais se vê reduzido, esgaçado e abandonado, não é um acidente de utilização das redes sociais como meio de comunicação, mas fruto de uma escolha algorítmica cotidiana de todos os envolvidos. Não há bolhas nas redes sociais acidentalmente, uma vez que aquilo que decide o que irá aparecer na sua tela é calculado por um algoritmo, que só conhece seu padrão de busca indexado e é retroalimentado pelo usuário por aquilo que consegue prender a sua atenção na tela, graças aos imperativos de predição.

Logo, seu tempo de uso de determinado aparato e o uso que se faz dele, aqueles que desejam ver determinados conteúdos de cunho político específico serão sempre direcionados para esse perfil. Dessa forma, as bolhas geradas são algorítmicamente controladas, e, portanto, feitas para serem assim, na própria essência da construção dos perfis de usuário UPI.

O problema é que as democracias necessitam do compartilhamento de um mundo comum, uma realidade comum, enquanto no mundo digital é possível ser paradoxal e categorias contrárias coabitarem, mas não dialogarem entre si, e o mesmo não pode se dizer do tecido social, uma vez que ele é estabelecido pelo eco, ressonância e *diálogo* daqueles que vivem em sociedade, ao contrário do uníssono algorítmico desse novo modo de produção capitalista.

VARIA

Visto que ele reconhece que o fornecimento de matéria prima necessária à própria experiência humana, toda sua arquitetura estará voltada para melhorar e implementar formas mais eficazes de extrair o máximo de informação, com o máximo de qualidade e a junção da arquitetura de extração e a arquitetura de ação¹⁵, minerar e condicionar no mundo real tal fluxo informacional como forma de gerar receita e valorizar seus ativos. E, para tanto, não faltarão discursos que mostrem como abdicar da própria privacidade traz benefícios muito maiores do que os malefícios que possam ser causados pela sua ausência, até porque essas empresas só funcionam enquanto continuam a poder vigiar constantemente seus usuários. Por exemplo, o mundo passa atualmente pela ESG (*Environmental, Social and Governance*):

Segundo o Google Trends, ferramenta que mostra o volume de buscas sobre um termo no Google, o interesse pelo ESG atingiu, em 2021, seu nível mais alto em 16 anos. A procura foi quatro vezes maior que a média do ano passado e 13 vezes superior à de 2019. (BETHÔNICO, 2021)

Isto posto, o buscador do *Google* aparece sempre com indicativos de como está determinada discussão, pois a sua arquitetura de vigilância funciona assim: contanto que a discussão ocorra e gere engajamento, ela continuará a ser repassada algoritmicamente aos usuários, para que engajem negativa ou positivamente e tornem os espaços para propagandas mais caros, que é o objetivo principal. Então não basta mais passar pelas ESG, pois é necessário, como proposto, observar toda cadeia de produção-consumo¹⁶, e, nesse processo, o algoritmo matemático se imiscuiu através de um mito de objetividade¹⁷, servindo de veículo para carregar ideologias e todo tipo de preconceito humano possível.

Destarte, há um grande interesse dessas empresas pelo ramo da educação. Afinal de contas, estamos falando da possibilidade da construção de perfis de usuários desde antes de eles possuírem um poder de compra real, mas que já estão sendo negociados em mercados futuros. Com a lógica da vigilância, estamos falando de dados gerados sobre alunos, sobre desempenhos escolares, de auxílio a grandes empresas do ramo de educação anteverem quantos alunos irão passar, quantos irão pagar e quantos ficarão inadimplentes antes mesmo de que esses alunos façam os vestibulares com base nos dados produzidos. Esse é só um exemplo entre os mais variados do novo tipo de mercado capaz de gerar mais receita, além dos farmacêuticos, seguros de carro, casa, vida, celular etc.

¹⁵ ZUBOFF, 2018 (2015), p. 235.

¹⁶ GROHMANN, 2021, p. 46.

¹⁷ JURNO, op. cit., p. 48.

Predizendo a predição

Embora não exista transparência e há resistência das empresas de tecnologia a explicar seu funcionamento, não há uma ausência total de experiência com novas tecnologias. Quando o rádio, a televisão e mesmo o cinema surgiram foram rapidamente empregados como veículos de propagandas a serviço de governos autoritários e democracias demagógicas no século passado, como seguiu a Segunda Grande Guerra e, após seu término, o período da Guerra Fria, com ambos os lados veiculando somente seus pontos de vista e que, por mais que possa ser criticado, havia um mito de imparcialidade ao veicular informações.

O que se quer estabelecer é a premissa de que, mesmo que não tenhamos experiência necessária com determinado elemento ainda, há uma proximidade com outros que permitem ver as limitações tanto dos elementos anteriores quanto dos atuais. Assim como ocorreu de forma devagar e gradativa a regulação das mídias anteriores, a responsabilização por aquilo que seria veiculado e a construção de legislações contundentes, da mesma maneira poderá acontecer com as tecnologias atuais, e o que sobra é quanto tempo esperaremos e qual o tamanho do estrago até que isso venha a acontecer.

Faz-se necessário pautar o debate interdisciplinarmente entre as áreas de tecnologia e as ciências humanas, promover debates constantes acerca do *inevitabilismo*¹⁸ e de como esse novo modo de produção existe somente porque foi feito para ser assim e qual o caminho desejamos seguir. Ademais, deve-se reinserir no debate público embates reflexivos de forma constante e consciente desse novo processo e demonstrar a necessidade de regulamentação e estabelecimento de limites.

Portanto, podemos utilizar das ferramentas próprias desse novo sistema para indexar suas próximas transformações, seguir *telemetricamente*¹⁹ suas rotas no planeta, contribuir com o máximo de informações claras e precisas sobre como essa nova arquitetura pode ser perniciososa, mas que essa foi uma escolha humana, e, por isso, é humanamente possível responder a ela.

Dado isto, a necessidade de formar comunicadores, uma vez que há novos papéis para serem desempenhados em sociedade, papéis esses que já vêm sendo bem-feitos por pessoas comprometidas em levar informação de forma independente, mas que carece de mais indivíduos engajados, pois sobra espaço nos meios de comunicações atuais para engajamento do filósofo em construir uma ponte entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular. Outrossim,

¹⁸ ZUBOFF, op. cit., p. 256.

¹⁹ ZUBOFF, op. cit., p. 237.

VARIA

é preciso mostrar o caminho da reflexão acerca de um novo processo que adentra o planeta e o potencial de tal transformação, pois se o algoritmo é capaz de interceder com os perfis do usuário para propagar as informações, cabe ao comunicador construir um caminho para que a discussão venha a ser pautada pela reflexão de um *mundo comum*.

Entretanto, isso por si só não é suficiente se não vier acompanhado de pautas públicas e regulamentações legislativas acerca das plataformas, da reconstrução da confiança dos indivíduos com o estado e com as dinâmicas econômicas, e da construção de um mundo comum e plural.

Referências bibliográficas

- BETHÔNICO, Thiago. Entenda o que é ESG e por que a sigla virou febre no mundo dos negócios. *Folha de S. Paulo*, Belo Horizonte. 26 de jun. de 2021. Disponível em: <[Entenda o que é ESG e por que a sigla virou febre no mundo dos negócios - 26/06/2021 - Mercado - Folha \(uol.com.br\)](#)>. Acesso em: 5 jan. 2022.
- GROHMANN, Rafael. Trabalho plataformizado e luta de classes. *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, n. 36, pp. 40-46, abr. 2021.
- JURNO, Amanda Chevtchouk. Plataformas, algoritmos e moldagem de interesses. *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, n. 36, pp. 47-53, abr. 2021.
- SIBILIA, Paula. Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo. In: BRUNO, Fernanda et. al. (orgs.). *Tecnopolíticas da Vigilância: Perspectivas da Margem*, São Paulo: Boitempo, 2018, pp. 199-216.
- SILVEIRA, Sergio Amadeu. O mercado de dados e o intelecto geral. *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, n. 36, pp. 32-39, abr. 2021.
- ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- _____. *Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação*. In: BRUNO, Fernanda et. al. (orgs.). *Tecnopolíticas da Vigilância: Perspectivas da Margem*, São Paulo: Boitempo, 2018, pp. 17-68.